

# Entre a luz e a sombra: reflexos e reflexões em tempos de confinamento

*Between light and shadow: reflections and thoughts in times of isolation*

**SORAYA VENEGAS FERREIRA<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

É usual traduzir músicas em imagens, fotográficas ou não. Há diversos vídeos simpáticos que mostram isso. É muito comum também que professores levem seus alunos às ruas, munidos de equipamentos sofisticados ou apenas de *smartphones* para que exercitem as técnicas fotográficas. Em 2020, isso é impossível e processos inversos devem ser tentados. É preciso buscar a sonoridade em fotos e descobrir o potencial imagético do espaço doméstico. A pandemia de Covid-19 impôs a alguns o isolamento social, cujas consequências físicas e psicológicas ainda são uma incógnita. O que se propõe nesse artigo-ensaio é um mergulho nas possibilidades de produzir e ressignificar fotos em música, de construir diversas narrativas fotográficas em espaço controlado e de manter a sanidade através da criação interdiscursiva. Há sete conjuntos de fotos, cada um deles conduzido por uma epígrafe musical e cada uma das 21 fotografias escolhidas encontra sua ancoragem verbal nos versos de cada música do icônico álbum *Clube da Esquina*, de 1972.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa Fotográfica. Mobigrafia. Pandemia de Covid-19. Confinamento. Clube da Esquina.

## **ABSTRACT**

It is usual to translate music into images, that can be photographic or not. There are several nice videos that show this. It is also very com-

Trama: Indústria Criativa em Revista.

Dossiê: *Narrativas midiáticas na pandemia – novas rotinas e produções de sentido*  
Ano 5, vol. 10, nº 1, julho a agosto de 2020: 9-43, ISSN: 2447-7516

mon for teachers to take their students to the streets, equipped with sophisticated equipment or just smartphones to exercise photographic techniques. In 2020, this is not possible to be done, so reverse processes must be tried. It is necessary to look for sound in photos and to discover the imagetic potential of the domestic space. The Covid-19 pandemic imposed social isolation, which physical and psychological consequences are still unknown. What is proposed in this essay is a dive into the possibilities of producing and reframing photos into music, building diverse photographic narratives in a controlled space and maintaining sanity through interdiscursive creation. There are seven series of photos, each guided by a musical epigraph and each of the 21 chosen photographs finds its verbal anchor in the verses of each song from the iconic album *Clube da Esquina*, from 1972.

**KEYWORDS:** Photographic narrative. Mobigraphy. Covid-19 pandemic. Confinement. Clube da Esquina.

## 1. APRESENTAÇÃO: UM CONVITE - CAIS

“Para quem quer me seguir eu quero mais/  
Tenho o caminho do que sempre quis/E um saveiro  
pronto pra partir”  
(*Cais*, Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

Hoje é dia 22 de outubro de 2020. Nunca foi tão necessário marcar o tempo nesses dias de marmota, em uma referência ao filme *O Feitiço do Tempo*<sup>2</sup>, protagonizado por Bill Murray. É hora de interromper esse ensaio através do qual se almejou, além de manter a sanidade nesse *Big Brother*<sup>3</sup> sem vigilância e sem plateia, estabelecer o encontro, num emaranhado de reflexos e reflexões, entre o texto e a imagem, o silêncio e a música, a luz e a sombra (literal e metaforicamente) e, entre o que está dentro e o que está fora desse meu mundo de 220 dias de voluntário e absoluto confinamento em um apartamento localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro. Há um notável privilégio nesse lugar de fala, que perpassa o acesso à Internet, aos serviços de delivery, aos equipamentos digitais, ao trabalho integralmente migrado para o home

office, entre outras condições às quais a maior parte da população brasileira não tem acesso. Se exclusão social e digital já eram cruéis no Brasil, a situação se agudizou em meio à pandemia.

Apesar das favoráveis condições financeiras e de saúde que me possibilitaram embarcar nesse experimento de isolamento social familiar, iniciado em março de 2020, é impossível não se deixar abalar pelos dados oficiais da pandemia de Covid-19 que, de um dia para o outro, alterou a rotina de inúmeros cidadãos ao redor do mundo. Os dados oficiais, sejam os diretamente relativos à doença ou os que tratam dos impactos na economia, devastam o país. De acordo eles, em outubro, o Brasil ultrapassou a triste marca de 5 milhões de infectados e de 150 mil mortos, cuja causa é atribuída ao coronavírus. Quanto ao Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, sua queda no segundo trimestre de 2020 chegou a 9,7%, índice superior ao acumulado em todas as recessões econômicas da história do país, sendo, essa a primeira vez em que o Brasil entrou em crise sem antes mesmo ter se recuperado da recessão anterior.

A pandemia mostra, em seu caráter global, que estamos na mesma tempestade, mas que os barcos que dispomos para enfrentá-la são muito, muito diferentes. Aqui, o “barco doméstico” está muito bem equipado e ancorado, mas a experiência do confinamento mantém-se desafiadora. Muito diferente de um confinamento a la BBB ou qualquer outro modelo de reality show baseado na supressão do contato externo, a conexão wifi, bem como o acesso à TV aberta e por assinatura, nos mantém conectados à barbárie mundial. Ao contrário do pantoftismo característico dos realities, no espaço doméstico, ninguém me vigia enquanto me perco e me encontro pelos cantos da casa nos momentos em que registro meus reflexos e reflexões. Também diferente das atrações televisivas, aqui não há um editor externo, nem personagem a desempenhar e o objetivo desse jogo de imagens e de palavras não é competir e, muito menos, obter qualquer premiação.

Alguns objetivos nortearam a experiência, para além do processo terapêutico de exercitar o olhar e a escrita e do compromisso de construir a memória desses tempos estranhos. Na condição de professora de Fotografia e de Fotojornalismo em uma universidade privada, busquei criar exercícios que pudessem ser partilhados com os acadêmicos, o que, em parte, justifica a escolha da mobigrafia, ou seja, o uso do smartphone como mediador do olhar nesse ensaio e a dispensa

de programas de tratamento de imagem externos a ele. Sabe-se que nesse aspecto, as condições de navegação desse “barco pandêmico” também são injustas. Nem todos os alunos dispõem de equipamentos celulares com recursos equivalentes ao utilizado, embora o Samsung J6 tenha se mostrado um smartphone bastante limitado. Além disso, eles ainda estão em processo de aprendizado da fotografia e de como extrair o máximo de suas câmeras. Ressalta-se, contudo, que a limitação técnica autoimposta se mostrou mais aliada do que inimiga nesse período de navegação.

O álbum musical Clube da Esquina (1972), uma lembrança da adolescência, me abalroou no momento de seleção das fotos e de construção textual. Após, o choque, como num quebra-cabeças, as peças foram se juntando. O artigo, que já estava planejado para sete seções, encontrou epígrafes nos versos de algumas músicas, cujos títulos se incorporaram aos das seções. O jogo acabou transbordando para a estruturação do próprio ensaio fotográfico também em sete momentos, que refletem diferentes possibilidades de exercícios e de aprofundamentos sobre a linguagem fotográfica. Cada um deles é composto por três imagens, perfazendo o total das 21 imagens, que deveriam corresponder às 21 faixas do álbum, que inclui originalmente duas músicas apenas instrumentais: Lília e Clube da Esquina n.2. A segunda, curiosamente, já tinha sido gravada com letra. Sob inspiração dos versos das músicas (com direito a uma repetição, em função da instrumental Lília), chegou-se a 21 novas possibilidades de encontro entre as linguagens visual e verbal. O barco estava pronto para deixar o cais.

Mas, para entrar nessa viagem, é preciso conhecer a embarcação e quem a guia. Nesse sentido, o autorretrato se mostra como uma estratégia inicial de exercício para quem está confinado. Sabe-se que a prática de um artista se incluir como tema principal ou secundário de seu próprio fazer não é nova. O pesquisador Luciano Soares pontua que, segundo ZHANG, o autorretrato nasceu com a Fotografia, em 1839, quando o americano Robert Cornelius virou as lentes para si. Já Philippe Dubois (2010:128) nos informa que na história da fotografia praticamente todos os fotógrafos, em algum momento, apontaram as lentes de suas máquinas contra si mesmos. Para ele, em essência, o autorretrato “é o único retrato que reflete um criador no próprio momento do ato de criação”. (DUBOIS, 2010: 156, nota 10) e complementa que o autorretrato permite incluir em seu enunciado o próprio

processo de enunciação. Na perspectiva de Roland Barthes (1984: 20), o autorretrato condensa Operator, que é o fotógrafo e Spectrum, o fotografado.

Pontua-se que, como prática pedagógica, o autorretrato deve ser diferenciado do selfie contemporâneo. SOARES (2014) pontua que o selfie é uma nova modalidade de autorretrato, descompromissada, que suscita questionamentos sobre narcisismo, expressão de si, objetivação e hiperexposição, que nem sempre são características do autorretrato. Como nos mostra a pesquisadora Lilian Barbon (2011: s/p) “autorretrato busca muitas vezes a representação de si como um outro distante, por vezes fictício, evocando uma concepção de identidade como encenação”. Em seu trabalho, ela ressalta artistas que mais do que se mostrar, se esconderam em seus autorretratos.

Retomando a questão da pose nos retratos, BARTHES (1984) nos apresenta a estratégia como sendo a arma do referente, daquele que é fotografado, frente à ação do fotógrafo. Mas, quando ambas as posições se condensam no mesmo sujeito, percebe-se que a pose, como elemento determinante nos procedimentos de autorretratos, permite a construção de um personagem, uma autorrepresentação, modelo de si mesmo, que, no exercício a seguir, entra em uma brincadeira de esconde-esconde, entre parte e todo, sombra e luz, reflexos e reflexões. Levantamos âncora, convidamos o Spectator (BARTHES, 1984:20) a embarcar nessa travessia e deixamos o cais.



Foto 1: "Invento em mim o sonhador" - *Cais*

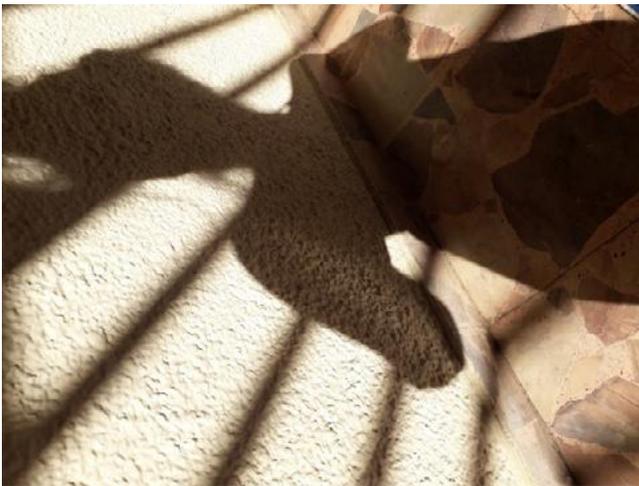


Foto 2: "Na beira da vida/A gente torna a se encontrar só" - *Os Povos*

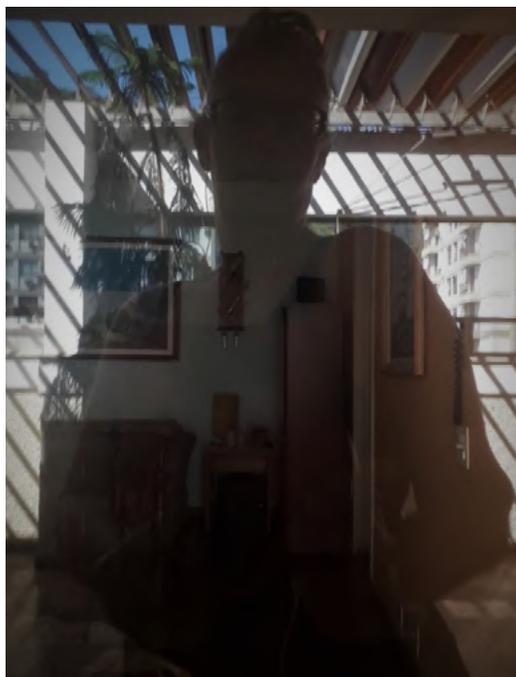


Foto 3: “e não sentir o pavor dos ratos soltos na praça/ minha casa - *Trem de Doido*”

## 2. FOTOGRAFIA EM CONFINAMENTO, UM OLHAR PARA DENTRO: *OS POVOS*

*Casa iluminada/Portão de ferro, cadeado, coração/  
E eu reconquistado/Vou passeando, passeando e morrer  
Os Povos, Marcio Borges e Milton Nascimento*

O confinamento absoluto – sem nem acesso ao corredor do prédio – foi uma opção factível, em uma zona da cidade em que os serviços de *delivery* funcionam com alguma eficiência, mas também um misto de privilégio e cárcere. Privilégio, pois muitos não tiveram nem onde nem como se abrigar e continuar suas atividades cotidianas fora do espaço da rua, e cárcere, pois é desejo estar no espaço urbano, onde o contato face a face com os demais seres vivos alimenta e oxigena o pensamento. Para nós, assim para como para muitos outros, em função de algumas comorbidades, não era aconselhável a exposição externa, mesmo que fosse regada a álcool 70º, com uso de máscaras, *face shields* ou luvas. Diante da situação nova e ameaçadora, um dos

caminhos para tentar manter a sanidade foi olhar para dentro de si e buscar forças. Parte delas, estavam nos fragmentos das memórias que nos chegaram através da música. Foi assim, meio sem querer, que se revisitou o álbum *Clube da Esquina*.

O álbum com dois LPs, lançado em 1972, foi produzido por Milton Nascimento e Ronaldo Bastos e incluiu além das composições dos produtores, também as dos irmãos Márcio e Lô Borges e Fernando Brant. As participações pontuais ficaram por conta de Monsueto e Ayrton Amorim, com a música *Me deixa em paz* e Carmelo Larrea, com *Dos Cruces*. O contexto político dos anos 70 era extremamente opressor se refletia nas composições dos artistas. Vivia-se sob o Ato Institucional nº 5, instituído em 1968 e que fundamentava um regime autoritário, conhecido pela sua “linha-dura”, que marcaria os chamados “anos de chumbo”, entre 1969 e 1974. Na época, os presidentes militares tinham plenos poderes para fechar por tempo indeterminado as casas do Poder Legislativo, intervir em estados e municípios, suspender direitos políticos, cassar mandatos, suspender *habeas corpus* e efetuar prisões sem mandado judicial, além de decretar estado de sítio.

Em março de 2020, o Senado Federal brasileiro reconheceu o Estado de Calamidade Pública, devido à pandemia de Covid-19. O presidente Jair Bolsonaro, militar exonerado e um político declaradamente conservador, justificou o pedido com base nos impactos da pandemia internacional, que ultrapassam a questão da saúde pública e atingem as atividades econômicas. O estado de calamidade pública permite que o governo gaste mais em saúde do que o previsto e aprovado na Lei Orçamentária Anual para 2020, ficando dispensado de cumprir a meta fiscal determinada para o ano. Hoje, mais de seis meses depois, acompanhamos seguidos escândalos nos estados que mostram os desvios das verbas que deveriam ter sido usadas no combate à doença.

O cenário refletido nas músicas e nas fotos está separado temporalmente por quase meio século, mas ambos se constituem em situações-limite. Quando o álbum completou 40 anos, Emerson Ike Coan fez uma análise dos versos das músicas e do contexto nelas refletido. “Tudo o que você podia ser” (Lô/Márcio Borges) fala do desejo por mudanças pelo retorno dos movimentos sociais e estudantis e faz referência à Zapata, líder revolucionário mexicano” (COAN, 2012, s/p). Muitas outras canções estão ligadas aos regimes ditatoriais latino-americanos e, conforme pontua o autor, para unidade conceitual do ál-

bum era necessária a relação entre contracultura e resistência política, conceitos que se mantêm bastante atuais e necessários em tempos de polarização ideológica.

A temática política esteve presente, pois não se pode negar que os letristas se puseram contra o sistema repressivo de então, numa unidade também temática: a “noite” estabelecida pelo AI-5 e o sonho (o “sol”) de um futuro melhor (o “amanhã”), alimentado pela viagem do “pé na/pó da” estrada ou da “invenção” subjetiva. Enfim, a resistência à ditadura e o comportamento contracultural. (COAN, 2012, s/p)

Mesmo ciente do contexto histórico que motivou as composições, sua apropriação em 2020 permitiu a atribuição de novos sentidos aos versos. A construção das imagens é anterior à procura pelos trechos adequados. Nenhuma imagem foi produzida para se adequar ao texto. O olhar para dentro da casa se deu em busca de espaços pouco visitados, marcas do tempo, referências intelectuais e afetivas. Como exercício, a motivação foi de estranhar o familiar (DA MATTA, 1972). Já nos anos 70, o autor nos propunha a trajetória antropológica de transformar “o exótico em familiar e o familiar em exótico”, conceitos aprofundados em trabalhos seguintes, como os de Gilberto Velho, que complementa:

O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectual e mesmo emocionalmente diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. O estudo de conflitos, disputas, acusações, momentos de descontinuidade em geral é particularmente útil, pois, ao se focalizarem situações de drama social, pode-se registrar contornos de diferentes grupos. (VELHO, 1980, p.131-132)

A proposta dos autores é agudizada no ensaio fotográfico na medida em que o “familiar” se torna literalmente o espaço da família e da casa. O objetivo, nesse caso, não foi explorar as relações familiares, o que poderia ser interessante e até mais fácil em termos de estratégia didá-

tico-pedagógica. Mas, no momento da pandemia, o isolamento foi radicalizado e para tal, as relações familiares foram expurgadas do processo criativo que se concentrou nos objetos, que carregam em si marcas de relações afetivas, sobre as quais se tem maior ou menor consciência. O álbum *Clube da Esquina* se propõe a falar dos povos latino-americanos, oprimidos por violentas ditaduras; o ensaio, nessa seção, se busca tratar do que sendo mais particular alcança o *status* de universal.

Quanto a relação recíproca entre imagem e texto, BARTHES (1964) nos propõe duas possibilidades de operação: ancoragem (fixação) ou *relais* (revezamento). Na primeira, a imagem dirige o leitor a um significado escolhido antecipadamente, enquanto “o texto dirige o leitor através dos significados da imagem e o leva a considerar alguns deles e a deixar outros de lado”. (BARTHES, apud SANTAELLA e NOTH, 2005:55). Na operação de *relais*, texto e imagem estabelecem uma relação de complementariedade, na qual “as palavras, assim como as imagens são fragmentos de um sintagma mais geral e a unidade da mensagem se realiza em um nível mais avançado” (BARTHES, apud SANTAELLA e NOTH, 2005:55).



Foto 4: Brilhar, brilhar/ Quase sem querer - Estrelas  
(Interpretação: Lô Borges)



Foto 5: Na franja dos dias esqueço o que é velho/Raspando as cores para o mofo aparecer - *Ao Que Vai Nascer* (Interpretação: Milton Nascimento)

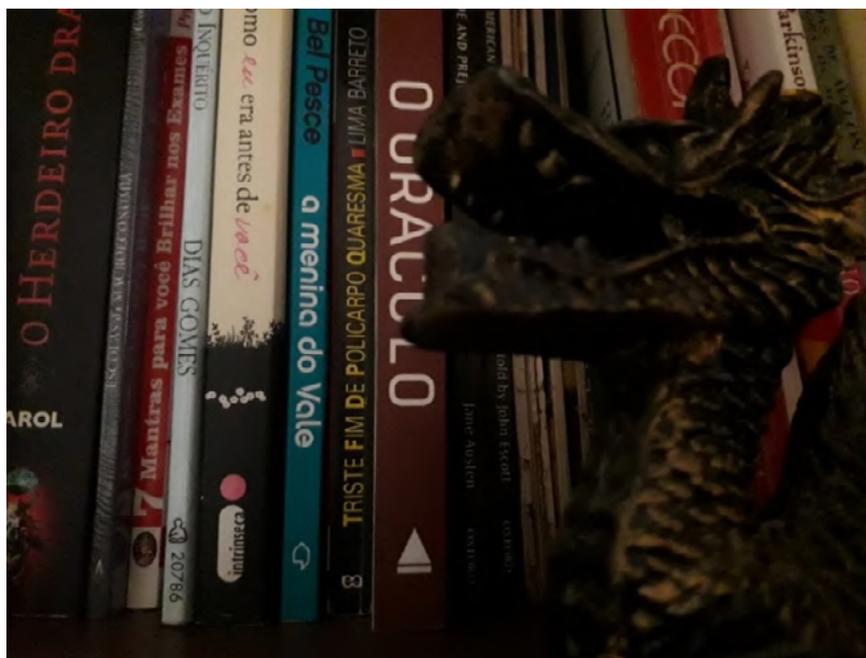


Foto 6: Juntar todas as forças pra vencer essa maré/O que era pedra vira homem/E um homem é mais sólido que a maré - *Saídas e Bandeiras nº 2* (Interpretação: Beto Guedes e Milton Nascimento)

### 3. FOTOGRAFIA EM CONFINAMENTO, UM OLHAR PARA FORA: PAISAGEM DA JANELA

*Da janela lateral do quarto de dormir/Vejo uma igreja, um  
sinal de glória  
Vejo um muro branco e um voo pássaro/Vejo uma grade,  
um velho sinal  
Paisagem da janela, Fernando Brant e Lô Borges*

O confinamento se concretiza no ambiente interno, caracterizado não apenas por portas e paredes, mas também por janelas, que funcionam como um respiro ao fazerem a mediação com o espaço externo, objeto de desejo e fonte de angústia. O fato de a fotografia ser conhecida como uma “janela para o mundo”, em tempos pandêmicos tornou-se literal. O mundo exterior passa a ser apenas visto e não mais acessado/vivenciado/experimentado. A fronteira entre o interno e externo, o público e o privado, é estabelecida pela janela, uma vez que a porta passa dias trancada. Com ou sem redes de proteção, as janelas e, para os privilegiados habitantes de prédios mais modernos, as varandas, se oferecem como a “nova rua” para os confinados. Passa-se a observar os vizinhos com mais vagar e a perceber suas novas rotinas. O que era geograficamente próximo, mas não obrigatoriamente conhecido, aos poucos vai se tornando familiar.

Apesar de a observação da vida alheia se tornar mais rotineira, em termos fotográficos, seu registro se caracterizaria como uma invasão de privacidade, eticamente condenável, o que é cotidiana e enfaticamente ensinado aos alunos. As questões relativas ao direito de imagem são lembradas na polêmica que envolve a capa do álbum Clube da Esquina (Anexos 2 e 3). Para alguns, a imagem da capa, que mostra dois meninos – um branco e um negro - sentados em uma estrada de terra, é tão icônica quanto às músicas que compõe os discos. Por anos, a crença popular era de que os garotos eram Milton Nascimento e Lô Borges, quando, de fato, eram Antônio Carlos Rosa de Oliveira e José Antônio Rimes, hoje dois homens humildes com mais de 50 anos de idade.

Por quatro décadas, até serem descobertos pela equipe de reportagem do Jornal O Estado de Minas (Anexo 3), eles não sabiam que sua imagem estava estampada em uma capa de disco tão famosa. A

fotografia foi captada pelo pernambucano Cafi, em 1971, em uma área rural perto de Nova Friburgo, quando os meninos tinham entre sete e oito anos. Eles afirmam não se recordar do momento exato da foto, feita em um local onde costumavam brincar. Desde 2012, os dois pedem na Justiça R\$ 500 mil por danos morais e uso indevido da imagem e até 2020 não havia qualquer solução para o processo cujos alvos são a gravadora EMI, (incorporada pela Universal), que lançou o disco; a Editora Abril, que reeditou o álbum em 2012 e os próprios Lô Borges e Milton Nascimento.

Por cautela, nesse ensaio, a paisagem da janela precisou assumir sua literalidade enquanto paisagem, a ser explorada em seus aspectos estéticos, para ensinar também o quanto a observação e a paciência de esperar pelo voo pássaro limitado pelas redes de proteção, ou de estudar as linhas dos prédios evitando ou forçando a perspectiva são parte do fazer fotográfico. As pessoas foram evitadas nesse ensaio, motivo também pelo qual se abandonou a ideia de retratar telas nas quais elas aparecessem. Trabalhou-se nessa seção com superfícies potencialmente refletoras, mas apenas no momento e no dia propício em que a luz se mostrou perfeita para tal. O mundo exterior, ao contrário do espaço doméstico, nos escapa ao controle, seja pelos limites visuais impostos pela localização e tamanho das janelas, seja pela configuração da luz a cada hora de cada dia.

A importância do espaço da rua e das relações sociais é marcada no álbum *Clube da Esquina*, que nos serve de inspiração, conforme nos conta Coan: “A ideia inicial, de se fotografar muita gente e incluir todas elas no disco, foi preservada na contracapa, com o retrato de Milton e Lô numa rua, em meio a crianças e jovens, e na parte interna da capa dupla do álbum, em forma de mosaico” (COAN, 2012, s/p). Os dois LPs fazem parte de uma obra coletiva na medida em que quase todas as 21 músicas foram feitas em parcerias, sem que se perdesse as influências individuais (Anexo 1). Nas gravações, como se pode constatar na ficha técnica, há um revezamento de músicos pelos vários instrumentos.

Já nesse ensaio fotográfico, a viagem foi individual e, por vezes, solitária. Ao contrário do que buscam mostrar as imagens do álbum *Clube da Esquina*, a de que o “artista vai aonde o povo está” e que, como sujeito comum atua na sociedade; aqui o sujeito-fotógrafo não se propõe a sair do espaço da casa. Como o artista, não se distingue das demais pessoas e, como qualquer aluno seria capaz, constrói a narrativa fotográfica, que vai nascendo silenciosamente, dia após dia, se configu-

rando nesses tempos pandêmicos, com um trabalho infinitamente em processo (work in progress), o que dificulta o distanciamento crítico entre autor e obra.

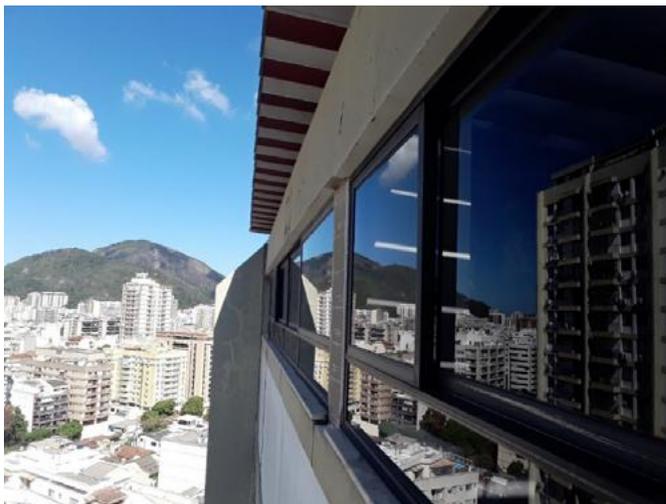


Foto 7: Sei que nada será como está/Amanhã ou depois de amanhã. *Nada será como antes* (Interpretação: Beto Guedes e Milton Nascimento)

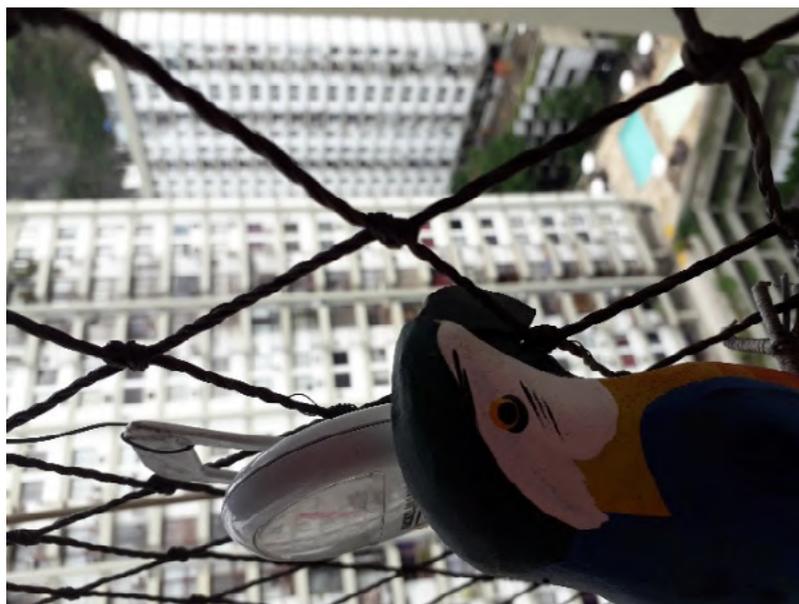


Foto 8: Sair dessa cidade ter a vida onde ela é - Saídas e Bandeiras nº 1 (Interpretação: Beto Guedes e Milton Nascimento)



Foto 9: Muito além do céu/nada a temer, nada a conquistar - "Trem de Doido"  
(Interpretação: Lô Borges)

#### **4. SOL E CHUVA, FOTOGRAFIA É LUZ: TUDO O QUE VOCÊ PODIA SER**

*Ah! Sol e chuva/Na sua estrada/Mas não importa, não faz mal/*

*Você ainda pensa e é melhor do que nada*

*Tudo o que você podia ser, Márcio Borges e Lô Borges*

O processo de isolamento social começou no Rio de Janeiro na segunda quinzena de março de 2020. Chegamos em outubro tendo perpassado as quatro estações: verão, outono, inverno e primavera podendo apreciar o quanto cada uma delas nos oferece em termos de características da luz. A produção das imagens se desenvolveu ao longo das estações, de acordo com o tempo e o clima. Mas, fundamentalmente, conforme o "tempo e o clima do fotógrafo" enquanto enunciador. A etimologia da palavra *Fotografia* já nos diz o quanto a luz é componente constitutivo da linguagem fotográfica. Angélica Lüersen nos lembra que, assim como o pintor necessita conhecer e lidar com as tintas para criar a obra, o fotógrafo precisa compreender a luz para registrar a imagem. Ela acrescenta que "entre os elementos que dão vida à fotografia, a luz tem a função de captar e registrar as nuances

nas imagens em cores e as gradações de cinza nas fotografias em preto e branco” (LÜERSEN, 2006:1).

Para esse ensaio, se escolheu apresentar todas as fotos em cor e não aprofundar a discussão sobre as diferentes potencialidades dramáticas oferecidas pela fotografia colorida ou em preto e branco. Mas, em alguns momentos e dias, a luz se mostrou tão fria que pode suscitar dúvidas no observador quanto à captação em cor. As imagens foram construídas prioritariamente com luz natural e em nenhuma delas foi usado o flash do *smartphone*. Segundo o professor Milton Guran, a luz é o que nos dá o clima de uma foto e “isso já é informação” (GURAN, 1992:33) e Lüersen, com base no Curso de Fotografia Planeta, complementa que a luz cumpre quatro funções no processo fotográfico:

a) iluminar o tema ou a pessoa: a luz, ao incidir no ‘objeto’ fotografado, produz nele diversos efeitos de sentido; b) proporcionar informações sobre o tema, tais como textura, tamanho, forma e contorno; c) dar caráter e clima à imagem fotográfica: a luz dá relevo às qualidades do tema, sugere estados de espírito, além de fornecer ao fotógrafo a atmosfera desejada; e por fim, d) transmitir emoções através de uma combinação adequada e sugestiva entre luz e tema. Assim, a luz pode ser utilizada de modo natural e intencional ou mesmo ser produzida (luz artificial), sendo que sua ‘aplicação’ sobre um dado objeto influencia na imagem, que se obtém dele (Curso de Fotografia Planeta 6 , 1997, v. 1, fasc. 1, p.20 apud LÜERSEN, 2006:2-3)

Como anuncia a música que está na epígrafe dessa seção, nessa estrada do confinamento, foram dias de sol e de chuva, que além de interferir no “clima da foto”, impactam ainda no ânimo de quem está num regime de isolamento no qual “as horas não se contavam”, pois parece que o cenário pandêmico não tem fim. Fala-se constantemente em reinfecção rara e de uma segunda onda de contaminações, não tão rara assim. É consenso que diante de uma emergência de saúde pública, a privação do contato social físico, pode desencadear diferentes sintomas psicológicos. Em adição, há estudos que buscam entender o

impacto dos dias ensolarados ou dos chuvosos no humor das pessoas, mas não foram localizadas pesquisas que tentassem atrelar esses dois fatores.

Em 2016, a Revista Superrinteressante republicou a matéria de Rachel Moss, do The Huffington Post UK, na qual se assegura que a luz do sol alivia o sofrimento emocional. De acordo com cientistas da Universidade Brigham Young (BYU), os problemas de saúde mental “aumentam nas épocas do ano em que há menos horas de luz, mas melhoram nos meses quando a claridade dura mais horas”. Para o estudo, eles levaram em conta algumas variáveis meteorológicas que atingem o Rio de Janeiro de modo muito diferente do que ocorrem nos EUA, local do estudo, a saber: o frio adicional causado pelo vento, chuva, irradiação solar, velocidade dos ventos e temperatura ao longo do dia. E concluíram que o que realmente impacta positivamente nas pessoas são os dias com muitas horas de luz do sol, mesmo quando ela é intercalada com momentos nublados ou de tempestades.

A reportagem cita ainda outro estudo da Universidade Isfahan de Ciências Médicas, no Irã, que buscou estabelecer a relação entre pessoas com deficiência de vitamina D, para a sintetização da qual se aconselha à exposição ao sol, e doenças mentais. Os que apresentam deficiência dessa vitamina têm maior tendência à problemas de saúde mental. Os estudos não são aprofundados na reportagem, mas se nota cotidianamente que cada indivíduo reage de modo diferente a dias de sol e de chuva. Sua alternância oferece oportunidades de construir imagens fotográficas que trazem para o observador climas diferentes. Quanto à saúde mental, estimula-se nos estudantes, confinados ou não, o que diz a epígrafe: “você ainda pensa e é melhor do que nada”.

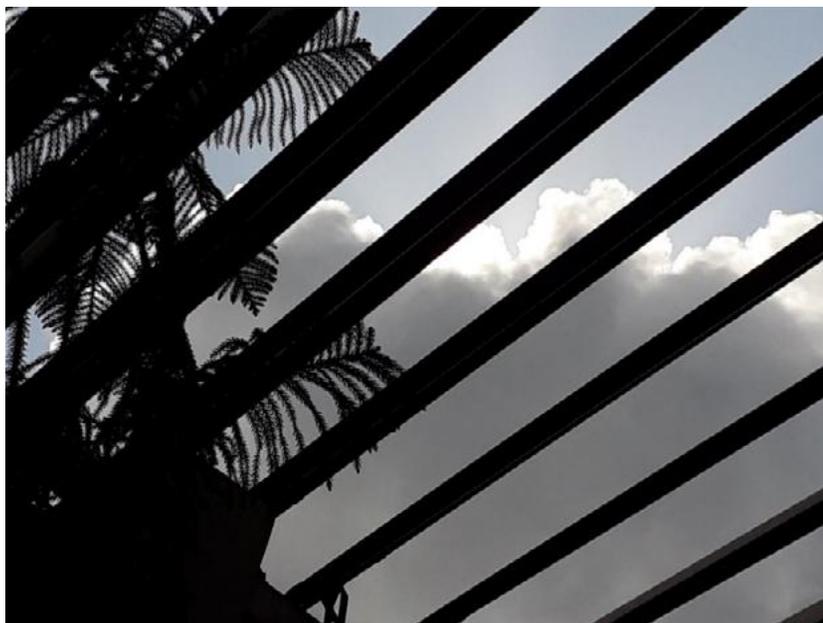


Foto 10: Meu nome é nuvem/Pó, poeira, ventania - *Nuvem Cigana*  
(Interpretação: Milton Nascimento)

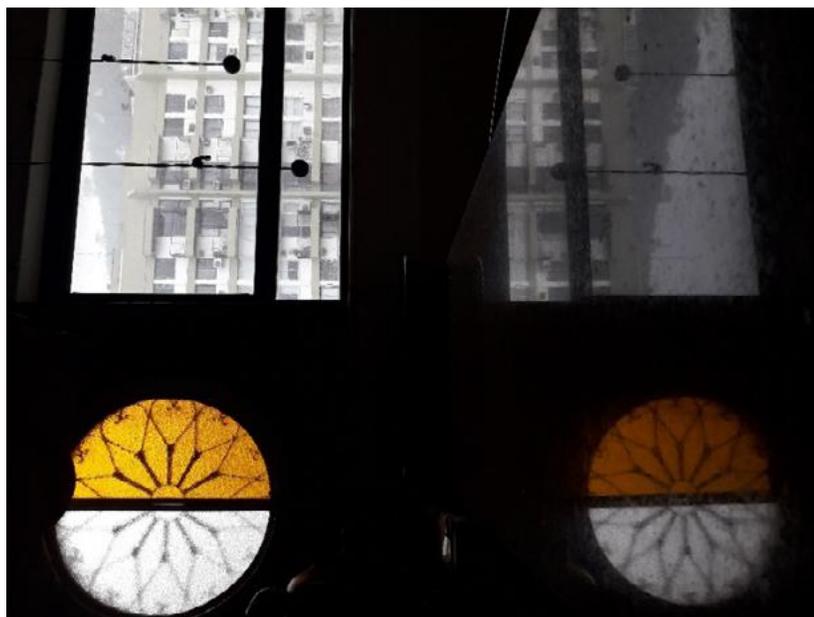


Foto 11: Unhnhnhnh/As horas não se contavam/E o que era negro anoiteceu.  
*San Vicente* (Interpretação: Milton Nascimento)

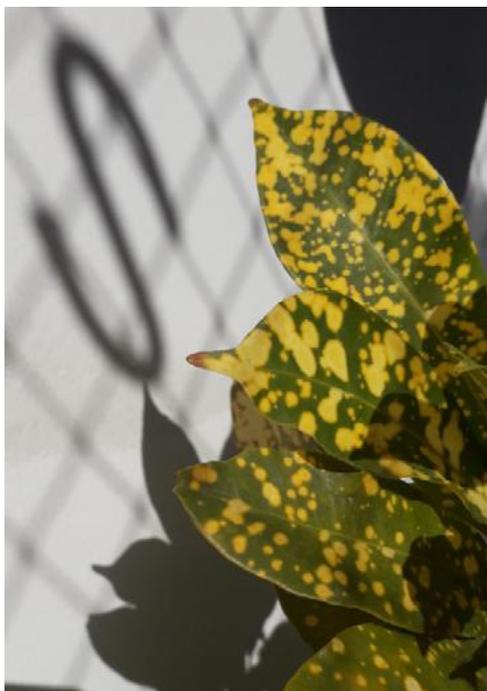


Foto 12: O sol na sombra se esquece/Dormindo numa cadeira - *Um Gosto de Sol*  
(Interpretação: Milton Nascimento)

## 5. ENTRE LINHAS E FORMAS: AO QUE VAI NASCER

*Respostas virão com o tempo/Um rosto claro e sereno me  
diz/  
E eu caminho com pedras na mão  
Ao que vai nascer, Milton Nascimento e Fernando Brant*

Durante os 220 dias aqui transformados em narrativa fotográfico-musical, houve momentos de muita demanda de trabalho tanto como docente, quanto como coordenadora dos cursos de Jornalismo e de Fotografia, na Universidade Estácio de Sá. O *home office* transformou-se em um misto de privilégio, desafio e tortura. Funcionou como porta para o mundo enquanto simultaneamente invadia o tempo e o espaço domésticos sem observar limites. Segundo Pnad Covid-19 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), do IBGE (Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística), trabalhar de casa se passou a ser a realidade para apenas 10,8% dos trabalhadores brasileiros, o que equivale a cerca de 8,3 milhões de pessoas, dos quais faço parte.

Em pesquisa realizada pela FGV (Fundação Getúlio Vargas), em parceria com o IES (*Institute of Employment Studies*), do Reino Unido, que em sua segunda fase, contou com pouco mais de 600 respondentes e foi publicada em outubro de 2020, 84% dos trabalhadores afirmaram que não haviam recebido qualquer assistência ou treinamento por parte de seus contratantes para execução das tarefas em regime de *home office*. O relatório, noticiado no *Nexo Jornal*, afirma que, por não apresentar mobiliário adequado, além de outros fatores, o trabalho em ambiente doméstico pode “potencialmente, propiciar o aparecimento, ou o agravamento, de condições como as dores musculoesqueléticas, o estresse, a ansiedade e a fadiga”.

Os pesquisadores informam que não basta tratar com remédios as dores físicas – na coluna, no pescoço ou a fadiga visual – causados pelo *home office*. Segundo alguns dados da pesquisa, mais de 45% dos respondentes estão se sentindo mal do ponto de vista psicológico e manifestaram sinais de depressão. Não é à toa que há dias em que, como diz a música da epígrafe, “caminho com pedras na mão”. Mas, se, em continuidade, “um rosto sereno me diz que as respostas virão com o tempo”, a fotografia pode fazer parte das respostas ao lidar não apenas com o tempo e com a luz, mas o uso das linhas e das formas, que também fazem parte de sua essência enquanto linguagem. No espaço doméstico, podem ser descobertas nas áreas de luz e de sombra, que se alternam ao longo do dia, assim como nos detalhes de objetos e ambientes. Nessa seção, a proposta é trabalhar explicitamente as linhas e as formas como elementos da composição fotográfica.

Ensina-se que uma boa composição tem clareza, um ponto central de interesse em um fundo que não deve disputar a atenção do observador. Para os estudantes, ouvir isso, cria a falsa impressão de que construir uma foto interessante é algo banal. Não é simples, não é fácil e é necessário experimentar bastante. O tempo em que ficamos em casa e aprendemos a estranhar o que nos é familiar é um grande aliado no momento de perceber como as formas e linhas podem se comportar no retângulo da tela do smartphone. Em muitos momentos, as noções clássicas e amplamente ensinadas de composição, como a regra dos terços ou a espiral de Fibonacci, nos ajudam a construir as

fotos. Em outros, talvez seja mais interessante seguir os conselhos de Henri Cartier-Bresson, o artista, que ao se afastar momentaneamente da pintura, se tornou um dos ícones do fotojornalismo no século XX. Ao fundador da agência Magnum é atribuído o conselho: “A composição deve ser uma de nossas preocupações constantes, até nos encontramos prestes a tirar uma fotografia; e então, devemos ceder lugar à sensibilidade” e simplesmente abrir caminho “ao que vai nascer”.



Foto 13: Ainda moro nesta mesma rua/Como vai você? - “Um Girassol da Cor do Seu Cabelo” (Interpretação: Lô Borges)



Foto 14: Nem se lembra se olhou pra trás/Ao primeiro passo, aço, aço ...  
*Clube da Esquina nº 2*



Foto 15: Evitar a dor/É impossível - *Me Deixa em Paz*

## **6. FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: SAN VICENTE E OS REGISTROS DESSA VIAGEM**

*Acordei de um sonho estranho/Um gosto, vidro e corte/  
Um sabor de chocolate/No corpo e na cidade/Um sabor de  
vida e morte  
San Vicente, Fernando Brant e Milton Nascimento*

As relações entre fotografia e memória já foram abordadas por diversos autores em reflexões tanto amplas quanto profundas, mas aqui, didaticamente nos interessa apresentar brevemente algumas concepções motivadoras do ensaio fotográfico. Roland Barthes, em *A Câmara Clara*, embarca em viagem pela fotografia na qual busca a foto que lhe oferecesse o encontro com a essência de sua falecida mãe. Para ele, naquele momento, a fotografia era um *analogon* objetivo do real. O autor chama de referente fotográfico “a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva, sem a qual não

haveria fotografia” (BARTHES, 1984: 115) e complementa que, diante de uma foto, é impossível negar que “a coisa esteve lá” e ainda que a imagem fotográfica, cujo noema é “isso foi” enseja em si “a dupla posição conjunta: de real e de passado” (BARTHES, 1984: 115).

Quando olhamos para uma fotografia, estamos diante do passado, daquilo que de certa forma está morto. Por ser a fotografia desprovida de futuro na concepção barthesiana, ele defende que nos interroguemos sobre o vínculo antropológico entre Morte e a nova imagem fotográfica que produz Morte ao querer conservar a vida. Walter Benjamin também sublinha na fotografia sua relação física com o referente, relação indicial na concepção de Charles Sanders Peirce. Benjamin constitui a ontologia da imagem fotográfica, em sua *Pequena história da fotografia*, na qual afirma que, a despeito do domínio técnico do fotógrafo, o observador sente a necessidade irresistível de procurar na fotografia a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a “realidade chamuscou imagem”. (BENJAMIN, 1985:94).

O autor ainda enfatiza os retratos como o “refúgio derradeiro do valor de culto que foi o culto da saudade, consagrado aos amores ausentes ou mortos”. (BENJAMIN, 1985: 171). A partir das considerações de Benjamin e de Barthes, percebemos que as fotografias podem ser analisadas nos campos da subjetividade e dos processos de memória, na medida em que são objetos possuidores e portadores de vínculos afetivos com as experiências humanas, que nos tempos de pandemia estiveram especialmente ligados com à experiência de morte ou iminência dela, seja pelo medo de contrair a doença, seja pelo acompanhamento do número crescente de mortes ou ainda pelos momentos em que as estatísticas ganhavam a consistência de rostos próximos e com os quais existia forte vínculo afetivo.

A fotografia, além de tensionar os movimentos do lembrar e do esquecer, promove uma espécie de interrupção do tempo e, portanto, da vida. Sensação muito experimentada durante 2020, que para muitos foi um ano “em suspenso”. Na fotografia, tudo o que foi selecionado e capturado pelas lentes, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado seja numa tela de *smartphone* ou em um pedaço de papel fotossensível. Nesse ano, as reportagens trouxeram registros fotográficos de arquivo com cenas da epidemia de gripe espanhola no início do século XX. Que imagens mostrarão às próximas gerações a pandemia de Covid-19? A cena fo-

tografada, apresentada sem antes nem depois, além do potencial de “eternizar” um quadro, propõe a quem a vê que complete suas ausências. O descompasso entre a presença e a ausência, entre a distância e a proximidade, entre o antes e o depois, entre o reconhecimento e a lembrança (ou não) do fato ou da pessoa fotografada devem nortear os produtores e os analistas de fotografias.

Por seu compromisso com a memória e não com o esquecimento e com a referência como elemento que constitui a essência da fotografia, as imagens aqui apresentadas, não sofreram nenhum tratamento digital para além dos que seriam possíveis caso estivéssemos lidando com a fotografia em filmes, ou seja o reenquadramento e pequenos ajustes de exposição. A maior parte das fotos foi mostrada sem qualquer corte ou tratamento, mesmo que os aplicativos do *smartphone* assim o permitissem. Contudo, é preciso reconhecer que a ideia de que a fotografia é perfeita imitação da realidade tem que conviver com a concepção de ela é em parte a transformação do real e aqui não tratamos de montagens ou de uso de filtros e efeitos digitais, mas sim do fato de que a fotografia é uma imagem culturalmente codificada e que, portanto, é uma obra de autor, assim como a música que “embla” a seção.

*San Vicente*, assim como *Dos Cruces*, traz a nossa memória a condição de nação integrante do bloco de países latino-americanos que, frente a epidemia global, responderam, cada uma a seu modo, à crise sanitária. A letra de *Dos Cruces* é assustadoramente atual, na medida em que reapropriada: “Me parece mentira, tudo aquilo que se passou”. Contraditoriamente, esperamos que parte desse período “caia no esquecimento”, mas a fotografia teimará em nos lembrar.



Foto 16: Ossos tão antigos, fatos tão passados/ No meio das fotos vai roendo um rato - *Pelo Amor de Deus*



Foto 17: Quando eu falava desses homens sórdidos /Quando eu falava desse temporal/ Você não escutou - "Paisagem da Janela" (Interpretação: Lô Borges)



Foto 18: Y me parece mentira/yatodo aquello pasó/Todo quedó em el olvido - “Dos Cruces” (Interpretação: Milton Nascimento)

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: **NADA SERÁ COMO ANTES**

*Eu já estou com o pé nessa estrada/Qualquer dia a gente se  
vê*

*Sei que nada será como antes, amanhã*

*Nada será como antes, Milton Nascimento e Ronaldo Bastos*

Cada uma das seções rascunhadas nesse ensaio tem a potência necessária para ser transformada separadamente tanto em atividade didático-pedagógica quanto em reflexão teórica mais aprofundada ou ensaio fotográfico com uma narrativa completa, mas a proposta aqui era a do exercício. Como os versos da música, há “coisas que ficaram muito tempo por dizer” e que talvez ainda não estejam prontas ou jamais sejam ditas. Ainda na metáfora da navegação, é como se embarcássemos num cruzeiro. Em cada porto, há pouco tempo para desfrutar a parada, mas o roteiro, ao contrário do que ocorre nas agências de viagem, permanece em aberto. Propõe-se que cada passageiro desembarque e exercite as possibilidades. Muitos, dos privilegiados

que não tinham dificuldade de colocar comida na mesa, descobriram novos talentos enquanto confinados, muitos deles frutos de aventuras gastronômicas.

A pandemia nos colocou frente a novos desafios. Nunca se falou tanto em que era necessário se reinventar. Alguns caminhos da reinvenção já vinham sendo desenhados, como é o caso das atividades em *home office* e do ensino remoto. Mas outras situações são integralmente novas, como o uso de máscaras e o lidar com o distanciamento social. O povo caloroso, que se vê apartado do abraço, questiona a sua identidade. Espera-se que os questionamentos suscitados por aqueles que tiveram o privilégio de interromper suas atividades profissionais *in loco* e manter a sua renda ou pelos que alteraram suas rotinas de trabalho e puderam optar pelo “ficar em casa”, tragam mudanças positivas para a sociedade.

Pudemos observar, pelo menos no discurso do que se caracteriza genericamente como senso comum, a revalorização do jornalismo profissional e dos professores. Percebemos o quanto o setor de cultura, impactado pelo fechamento de cinemas, teatros e de outros equipamentos culturais, partiu para as *lives*, como estrutura crescente e linguagem inovadora, na medida em que a pandemia avançava e que o próprio modelo já dava sinais de esgotamento. Vimos, pelos meios de comunicação, o cansaço e o desespero dos profissionais de saúde, acompanhamos de longe a dificuldade dos moradores de comunidades e dos que se expunham nas filas em frente a Caixa Econômica Federal em busca do auxílio emergencial. Chegamos em outubro de 2020, isolados desde março, e com apenas duas certezas: está longe de acabar e nada será como antes.



Foto 19: Coisas que ficaram muito tempo por dizer - *O Trem Azul*



Foto 20: Morena quem temperou/A cor de canela? - *Cravo e Canela*



Foto 21: Sei um segredo/Você tem medo/Só pensa agora em voltar - *Tudo Que Você Podia Ser* (Interpretação: Milton Nascimento)

## REFERÊNCIAS

BARBON, Lilian P. **O Autorretrato Fotográfico: encenação, despersonalização e desaparecimento**. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, Londrina, 2011, disponível em <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/LILIAN%20BARBON.pdf>

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1982.

\_\_\_\_\_. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BENJAMIM, Walter. **Pequena história da fotografia**. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BREDA, Lucas. **Meninos da capa de “Clube da Esquina” processam Milton Nascimento, Lô Borges e EMI por imagem**, distribuído pela Folha Press e disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2020/02/meninos-da-capa-de-clube-da-esquina-processam-milton-nascimento-lo-borges-e-emi-por-imagem-ck6mh-z9wu01rg01o3dodyre9r.html>

COAN, Emerson Ike. **Os quarenta anos do Álbum Clube da Esquina: resistência política e inovação musical na Sociedade do Espetáculo brasileira**, disponível em <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao54/materia02/>

DA MATTA, Roberto. **Do ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional, disponível em [http://www.ppgasmn-ufrrj.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim\\_do\\_museu\\_nacional\\_27.pdf](http://www.ppgasmn-ufrrj.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim_do_museu_nacional_27.pdf)

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e Outros Ensaios**. São Paulo: Senac, 2010

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

LÜERSEN, Angélica. **Fotografia, a Escrita da Luz**. VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0520-1.pdf>

MOSS, Rachel. Luz do sol alivia sofrimento emocional, revela estudo In **Superrinteressante**, disponível em <https://super.abril.com.br/saude/luz-do-sol-alivia-o-sofrimento-emocional-revela-estudo/>

SANTAELA, Lúcia e NÖTH, Winfried Nöth. **Imagem. Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo, Iluminuras, 2005.

SAYURI, Juliana. O impacto físico e psicológico do home office na pandemia In. **Nexo Jornal**, disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/10/09/O-impacto-f%C3%ADsico-e-psicol%C3%B3gico-do-home-office-na-pandemia>

SOARES, L. **Do Autorretrato ao Selfie: um breve histórico da fotografia de si mesmo**, disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/320702313\\_Do\\_Autorretrato\\_ao\\_Selfie\\_um\\_breve\\_historico\\_da\\_fotografia\\_de\\_si\\_mesmo](https://www.researchgate.net/publication/320702313_Do_Autorretrato_ao_Selfie_um_breve_historico_da_fotografia_de_si_mesmo)

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: \_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

## NOTAS

<sup>1</sup> Fotógrafa, atuante no fotojornalismo diário carioca nos anos 1980/2000. Doutora e Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ), com pós-doutorado em Teorias do Jornalismo (PPGCom-UFF). É professora de Fotografia há mais de 30 anos e coordena os cursos de Jornalismo e de Fotografia na Universidade Estácio de Sá-campus Niterói.

<sup>2</sup> Groundhog Day, ou Dia da Marmota numa tradução literal foi lançado no Brasil com o título de Feitiço do Tempo. Dirigido por Harold Ramis, o filme de 1993 conta a história de um meteorologista de TV, de perfil arrogante, vivido por Bill Murray. Ele é escalado para a cobertura do tradicional Dia da Marmota e fica preso numa armadilha temporal que o faz reviver seguidamente o mesmo dia. No início, há poucas modificações em sua forma de agir, mas o processo repetitivo passa aos poucos a ser visto com uma oportunidade de melhora pessoal e de conquista amorosa

<sup>3</sup> Big Brother Brasil é a versão brasileira do reality show Big Brother, licenciado pela empresa holandesa Endemol, e baseia-se no confinamento de um número variável de participantes em uma casa cenográfica, sendo vigiados ininterruptamente por câmeras. Os participantes, ao contrário do que nos ocorre durante a pandemia de COVID-19, ficam incomunicáveis em relação do mundo exterior e não tem acesso a qualquer meio de comunicação que os atualize sobre o que ocorre extramuros. A edição de 2020 foi exibida pela Rede Globo de 21 de janeiro de 2020 a 27 de abril de 2020, sem que os participantes tivessem consciência de que a pandemia tinha chegado ao país.

## ANEXO 1

Estrutura de faixas e trechos escolhidos no álbum Clube da Esquina (1972)

<b>Lado A</b>		
<b>Título</b>	<b>Compositor</b>	<b>Trecho</b>
“Tudo Que Você Podia Ser” (Interpretação: Milton Nascimento)	Lô Borges, Márcio Borges	Sei um segredo/Você tem medo/Só pensa agora em voltar
“Cais” (Interpretação: Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Ronaldo Bastos	Invento em mim o sonhador
“O Trem Azul” (Interpretação: Lô Borges)	Lô Borges, Ronaldo Bastos	Coisas que ficaram muito tempo por dizer
“Saídas e Bandeiras nº 1” (Interpretação: Beto Guedes e Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Fernando Brant	Versão reduzida Sair dessa cidade ter a vida onde ela é
“Nuvem Cigana” (Interpretação: Milton Nascimento)	Lô Borges, Ronaldo Bastos	Meu nome é nuvem/Pó, poeira, ventania
“Cravo e Canela” (Interpretação: Lô Borges e Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Ronaldo Bastos	Morena quem temperou/A cor de canela?

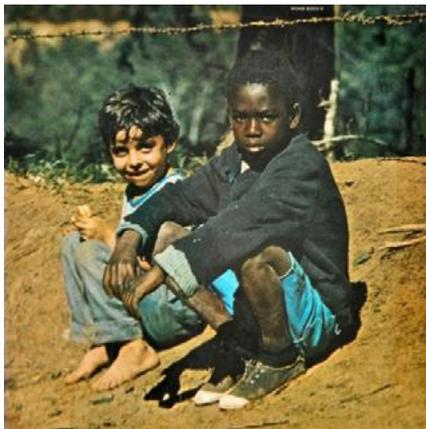
<b>Lado B</b>		
<b>Título</b>	<b>Compositor</b>	<b>Trecho</b>
Dos Cruces” (Interpretação: Milton Nascimento)	Carmelo Larrea	Y me parece mentira/yatodo aquello pasó/Todo quedó em el olvido
“Um Girassol da Cor do Seu Cabelo” (Interpretação: Lô Borges)	Lô Borges, Márcio Borges	Ainda moro nesta mesma rua/Como vai você?
“San Vicente” (Interpretação: Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Fernando Brant	As horas não se contavam
“Estrelas” (Interpretação: Lô Borges)	Lô Borges, Márcio Borges	Brilhar, brilhar/ Quase sem querer
“Clube da Esquina nº 2” (Interpretação: Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Lô Borges, Márcio Borges	Instrumental Nem se lembra se olhou pra trás/Ao primeiro passo, aço, aço ...

<b>Lado C</b>		
<b>Título</b>	<b>Compositor</b>	<b>Trecho</b>
“Paisagem da Janela” (Interpretação: Lô Borges)	Lô Borges, Fernando Brant	Quando eu falava desses homens sórdidos /Quando eu falava desse temporal/ Você não escutou
“Me Deixa em Paz” (Interpretação: Alaíde Costa e Milton Nascimento)	Monsueto, Ayrton Amorim	Evitar a dor/É impossível
“Os Povos” (Interpretação: Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Márcio Borges	Na beira da vida/A gente torna a se encontrar só
“Saídas e Bandeiras nº 2” (Interpretação: Beto Guedes e Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Fernando Brant	Juntar todas as forças para sair dessa maré/o que era pedra vira homem/ e o homem é mais sólido que a maré
“Um Gosto de Sol” (Interpretação: Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Ronaldo Bastos	O sol na sombra se esquece/ Dormindo numa cadeira

<b>Lado D</b>		
<b>Título</b>	<b>Compositor</b>	<b>Trecho</b>
“Pelo Amor de Deus” (Interpretação: Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Fernando Brant	Ossos tão antigos, fatos tão passados/ No meio das fotos vai roendo um rato
“Lília” (Interpretação: Milton Nascimento)	Milton Nascimento	instrumental
“Trem de Doido” (Interpretação: Lô Borges)	Lô Borges, Márcio Borges	Muito além do céu/nada a temer, nada a conquistar OU e não sentir o pavor dos ratos soltos na praça/ minha casa
“Nada Será Como Antes” (Interpretação: Beto Guedes e Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Ronaldo Bastos	Num domingo qualquer, qualquer hora/ventania em qualquer direção
“Ao Que Vai Nascer” (Interpretação: Milton Nascimento)	Milton Nascimento, Fernando Brant	na franja dos dias esqueço o que é velho/ Raspando as cores para o mofo aparecer

## ANEXO 2

Capa do Álbum Clube da Esquina



## ANEXO 3

Matéria sobre o encontro com os retratados na capa do Album Clube da Esquina

